



“Introdução à compreensão e das diferenças entre sociedades comunistas e liberais no que diz respeito aos direitos civis individuais, igualdade de oportunidades, livre iniciativa e meritocracia, dentro de um ordenamento jurídico e constitucional.”

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	2
1 — INTRODUÇÃO	4
2 — A REPRESSÃO E A FALTA DE DEBATES NOS PAÍSES COMUNISTAS.....	7
3 — A FALÊNCIA DO MODELO ECONÔMICO COMUNISTA.	10
4 — A PRIVAÇÃO DE LIBERDADE E A EXTENSÃO DOS DANOS CAUSADOS POR PAÍSES COMUNISTAS.	14
5 — A DISSOLUÇÃO DOS PAÍSES COMUNISTAS.....	16
6 — O FRACASSO DA ECONOMIA PLANIFICADA DA UNIÃO SOVIÉTICA.....	19
7 — A CRÍTICA AO CAPITALISMO	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REVISÃO DO CONTEÚDO	25
CADERNO DE EXERCÍCIOS.....	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30

APRESENTAÇÃO

Nesta quinta aula serão tratadas as várias realidades vividas segundo a natureza dos regimes políticos. Em cada um dos dois regimes abordaremos aspectos relevantes para garantia de direitos civis e igualdade de oportunidades, livre iniciativa e meritocracia.

Apresentaremos uma visão realista sobre a vida numa sociedade comunista, tendo como contraponto a realidade vivida pelas pessoas numa sociedade livre e democrática. Para isso, esta aula conta com as contribuições do professor Mestre e Doutor em Economia Paulo Rabello, numa aula no formato de entrevista do curso de formação política do instituto Índigo do Partido Social Liberal.

O professor **Dr. Paulo Rabello** traz na bagagem um conjunto de reflexões relevantes sobre o modo de vida em variadas localidades do planeta segundo a orientação do regime para gerenciamento do Estado.



Paulo Rabello é escritor, palestrante, consultor e professor. Economista premiado, PHD pela universidade de Chicago, presidiu o IBGE e o BNDS. É fundador do Atlântico, que define como instituto de ação cidadão, além de ser coordenador do movimento Brasil eficiente, foi candidato a vice-presidente na chapa do senador Álvaro Dias, e autor de "O mito do governo grátis", dentre outros sucessos editoriais.

1 — INTRODUÇÃO

Pense num lugar em que o cidadão pode acabar o dia na cadeia devido à roupa que veste ou da preferência por filmes e livros estrangeiros.



Parece incrível para quem vive no país governado por uma democracia liberal, mas esse lugar invasivo e autoritário ainda existe. A vida do ser humano no país comunista é muito diferente da vida de um cidadão de um país orientado por regimes de inspiração liberal, desde a hora que alguém acorda para escolher uma roupa diante do espelho, e essa diferença existe porque o direito individual de cada cidadão não é a mesma coisa que conhecemos em países com regimes comunistas.

Para se ter uma, ideia recentemente em dois mil e quinze cinco feministas chinesas foram para cadeia por mais um mês, porque pretendiam distribuir panfletos alertando sobre assédio sexual no metrô.

A realidade dos direitos individuais na China pode ser medida pela recente prisão de jornalistas e executivos de um jornal cuja linha editorial é favorável à democracia.



Enquanto no país como o Brasil o clique para uma selfie no meio da rua é coisa costumeira, no país como a Coreia do Norte um dos últimos regimes comunistas do mundo essa foto da selfie com celular pode ter como resultado uma noite na cadeia.

No país como a Coreia do Norte hoje não se pode usar calças jeans, celebrar o natal ou conversar com estrangeiros. A **lista de restrições impostas ao cidadão comum no país comunista**, como a Coreia do Norte, ainda inclui o controle sobre fotografias clicada nas ruas, o impedimento do consumo de cultura estrangeira além da proibição de biquínis e roupas justas e decotadas.

No Brasil teve um presidente na década de mil novecentos e sessenta que assinou um decreto proibindo o uso de biquíni nas praias, mas aquele decreto acabou caindo no esquecimento repetindo o destino da maior parte dos regimes comunistas.



Por incrível que pareça aquela inspiração maluca de tentar proibir o biquíni no Brasil nos anos da década de mil novecentos e sessenta, também alimentou a mente de ditadores em outras partes do mundo.

Mais recentemente na Coreia do Norte, neste ano que é bem distante de 1971 do decreto brasileiro que proibia uso de biquínis assinado pelo presidente Jânio Quadros, a proibição, agora é bancada pelo ditador **Kim Jong-un** inclusive no parque aquático da Coreia do Norte.



2 — A REPRESSÃO E A FALTA DE DEBATES NOS PAÍSES COMUNISTAS.

Vivemos em pleno século vinte e um, com acesso a inúmeras fontes de tecnologia com informação a todo vapor. No mundo livre as informações chegam em questão de segundos ao nosso *'smartphone'* ou apenas a um clique no nosso computador, em contrapartida, nos países comunistas a sociedade ainda é refém do totalitarismo, das restrições de acesso às informações, vedando ao cidadão direito elementares.



Mas, é importante compreender de que forma esta categoria de sistema ainda consegue se manter, considerando todos os aspectos restritivos. E entender onde começa e onde termina a eficiência deste padrão de gestão visto que os regimes comunistas que ruíram também adotaram esta mesma dinâmica repressiva.

A palavra-chave que não ficou verbalizada, mas precisa ser introduzida nesse regime é o **"debate"**. Nas sociedades repressoras tal opinião particular e das opiniões em geral não há debate, **o debate é restringido.**

E esse debate é quem promove o conhecimento, e especificamente conhecimento de informação. Pois, é muito importante ter a ideia correta do que significa este tal mundo de hoje que nos foi agora apresentado, um mundo em que os *bits* de informação (os dados) inclusive dados falsos nos são apresentados como verdadeiros, mas, na verdade, são “fake news” (termo em inglês que significa “notícias não verdadeiras”).



Esse conjunto de dados que massacra alguns cidadãos está vindo em excesso que dificultam o processamento pela mente humana. Com isso é preciso um cuidado muito especial e vamos problematizar esta questão para que, mesmo em sociedades democráticas não é automático que as pessoas fiquem mais bem informadas porque estão sendo submetidas a uma quantidade crescente de dados, que chamamos informação. A sociedade na totalidade precisa de estruturas processadoras desses dados para

transformar informação em conhecimento.

O grande filósofo **Peter Drucker** nos lembrava que nesta sociedade moderna do século XXI que é basicamente uma sociedade de informação, precisamos de estruturas processadoras que transformem informação em conhecimento, portanto é importante que a sociedade esteja cada vez mais conhecedora do que realmente acontece.

Nas sociedades totalitárias esse conhecimento fica muito limitado

porque o debate é limitado e frequentemente as fontes de informação em grande parte são conduzidas ou controladas pelas autoridades públicas. Nada poderia ser pior que uma sociedade que recebe muita informação e processa pouco. É importante sempre lembrar que “você acerta mais fazendo boas



perguntas do que acerta dando boas respostas. As boas respostas em geral partem de boas perguntas e essas boas perguntas constituem a base de uma sociedade democrática”.

3 — A FALÊNCIA DO MODELO ECONÔMICO COMUNISTA.

A falência do modelo econômico que orientava as repúblicas socialistas na segunda metade do século vinte reduziu o mapa do comunismo no planeta, que ficou restrito aos poucos países remanescentes.

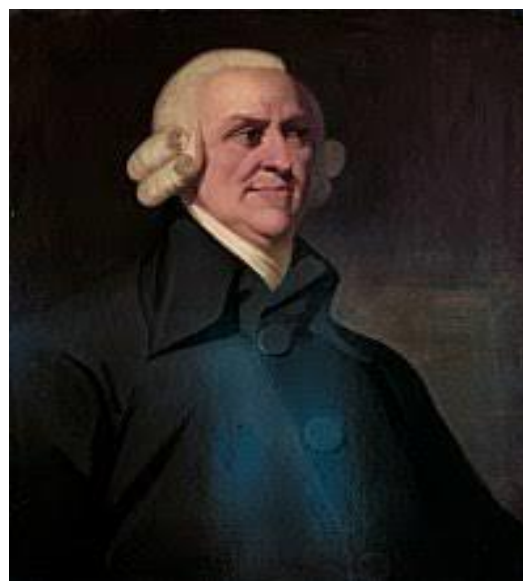
Buscamos compreender o que aconteceu de fato para chegar a essa situação e se foi o modelo do regime comunista que quebrou a economia nestes países ou foi à insolvência dessas economias que quebraram o modelo do regime comunista.

Em uma grande simplificação, não sobrevive nenhum regime político que em um prazo pouco mais longo não entregue resultados palpáveis para a população. Existe um ditado em que diz “o cachorro não pode latir, mas pelo menos ele precisa comer”, em outras palavras é a barriga que é o primeiro comando da sobrevivência social e seguida o plano das ideias.

Portanto, **as democracias são um estágio superior da organização social** e começa em geral, como sociedades mais autoritárias. As democracias baseadas na iniciativa humana que costumamos chamar **capitalismo**, são um produto de um quase milagre do arranjo político, que resultou na liberação dos povos em relação aos seus mandantes e eram, em geral, os reis, imperadores e que numa visão mais simples da sociedade exerciam esse poder de forma incontestável, inclusive sem nenhuma representação ainda que fosse da própria aristocracia.

A partir da Revolução Francesa e a partir da Revolução Industrial que começa na Inglaterra, começamos a reorganizar as sociedades no mundo ocidental conforme um plano superior, que foi muito bem relatado pelo grande filósofo da nova fase do mundo, o escocês Adam Smith.

Adam Smith, o pai da economia, que apresenta uma ideia liberal, escreveu o grande livro "A Riqueza das Nações", é muito importante a mensagem contida sinteticamente em um título, e o título "A Riqueza das Nações" ele envolve um conteúdo de mensagem extraordinária, que, por assim dizer 'Nós nunca enriquecemos sozinho'.



Apesar de estarmos discutindo a liberdade dos indivíduos, Adam Smith não escreveu sobre a riqueza dos indivíduos, a riqueza dos poderosos, a riqueza dos capitalistas, a riqueza dos que se dão bem, ele falou da riqueza das nações, e **as nações são um conjunto relativamente harmônico indivíduos** e daí a necessidade imperiosa de que todos caminhem juntos e se possível sem deixar ninguém para trás.

Essa é a força da sociedade democrática, ou seja, ela primeiro percebe a necessidade de consultar as bases da sociedade, porém isso dá trabalho, porque exige alternância de poder através das eleições, o debate permanente das teses e propostas, e a liberdade defendida intransigentemente no plano constitucional. Essas questões são muito mais complicadas do que arrumar uma sociedade a partir de um grupo de “mandachuvas” que ficam em cima e comandam de alto a baixo a sociedade.

Em princípio, as sociedades autoritárias, como foi a união soviética, a partir da tomada do poder e da expulsão da aristocracia, se tornaram coletivizadas, ou de forma exagerada pode-se dizer “escravizadas”, pelo mando de uns poucos, mas ela se simplificou no sentido de como diz o ditado “Quando um manda, os outros calam a boca e obedecem”.

E durante algum tempo essa organização econômica parecia dar mais certo do que o complicado arranjo democrático em que todos fazem perguntas, todos duvidam, todos metem a sua ‘colher de pau’ e aparentemente é mais fácil imaginar o ruído no avanço dessa sociedade democrática.



© CanStockPhoto.com

No entanto, a sociedade autoritária chega a um ponto que acaba ruindo.

Pois, a sociedade de mando único também é propensa a estabelecer o erro único, o grande erro, o erro de planificação equivocada ao invés de um planejamento flexível, o planejamento indicativo, um planejamento reflexivo como todo governo democrático pode e deve fazer.

Daí que acabaram essas sociedades, **ruindo sob o peso do seu próprio mandonismo**. Com isso, aprendemos principalmente com 'queda



da cortina de ferro' e a redistribuição daqueles "antigos satélites da união soviética" que os países hoje que compunham a antiga constelação escravizadas na própria união soviética estão indo muito melhor nesse novo formato do que seguindo o modelo do autoritarismo.

Estes países atualmente tem se desenvolvido muito melhor, estando na média entre os países que se tem se dado muito bem e os que não estão se dando bem. Além disso, esses países têm apresentando muito mais desempenho para os seus cidadãos, muito mais prosperidade do que no período do mandonismo e do autoritarismo.



4 — A PRIVAÇÃO DE LIBERDADE E A EXTENSÃO DOS DANOS CAUSADOS POR PAÍSES COMUNISTAS.

A proibição do uso de calça de jeans, da celebração do natal, do consumo de cultura estrangeira, as restrições da internet entre outras proibições, são flagrantes de privação de liberdade individual.



Este tipo de medida de controle social cumpre algum objetivo em favor dos interesses das pessoas nestes países comunistas? Qual a extensão do dano econômico e cultural nestas sociedades com estas políticas?

A pergunta é boa, mas ela irá para o lado da caricatura do mandonismo, ao lembrar que isso aconteceu em vários episódios, um controle da celebração de festas que eram consideradas "alienação ocidental", um natal vinculado ao nascimento de Jesus Cristo e assim por diante.

Por de trás dessa caricatura existe uma oposição do autoritarismo contra as liberdades individuais muito mais grave que é a restrição as práticas religiosas, e na democracia ela existe, mas o que está em jogo é a diferença de opiniões, o respeito pelas diferenças, pelas diferenças de opinião, pelas diferenças de convicção, de crença, que a política, quer religiosa.

Portanto, é uma perda da incomensurável de qualidade de vida e qualidade de informação. E por conta desse amordaçamento e, em geral isso é praticamente em via de regra, o resultado econômico dessa formulação autoritária é sempre muito ruim.

No entanto, hoje ao estabelecer o Brasil, observamos que temos um provável conteúdo de autoritarismo implícito na gestão governamental, nós temos hoje um baixo nível de respeito ao cidadão, já que para começar porque vivemos num verdadeiro manicômio tributário, ou seja, uma profusão de tributos, impostos e taxa que incidem na vida diária do cidadão que perpetua a subjugação do cidadão brasileiro.

5 — A DISSOLUÇÃO DOS PAÍSES COMUNISTAS.

É de grande valia compreender de que forma as restrições econômicas e de mercado foram decisivas para a dissolução dos regimes comunistas. Assim como esclarecer porque os regimes comunistas caíram como um castelo de cartas sem contar com a defesa de suas populações que se mostraram ávidas pelas oportunidades de consumo das sociedades liberais, onde, os regimes socialistas traziam uma marca das restrições de consumo. Além disso, surgem as indagações de onde e, porque a dinâmica do capitalismo concorreu para o sucesso das sociedades liberais.

Dessa forma, precisamos esclarecer que, quando nos referimos a sociedade comunista, falamos do totalitarismo exercido em nome de uma prosperidade coletiva, que acaba não chegando.



Falamos do mando de uns poucos sobre muitos, muito parecido por tanto, com aquele mando exercido pelos chamados suseranos, pelos reis, pelos imperadores desde a antiguidade, passando pela civilização Romana no tempo imperial, com exceção da

Grécia. E depois ingressando no feudalismo, na idade média.

Por tanto é recente a alternativa criada com o fim do século XVIII, narrada por filósofos, como Montesquieu.

Então entre um extremo autoritário e um extremo democrático, existe um conjunto enorme de matizes de diferentes tons, entre o claro e o escuro, de forma que nosso aprendizado é sempre **fazer perguntas**.

Mas precisamos saber em que medida estamos sendo autoritários. Sociedades autoritárias por serem mando de uns poucos, conduzem a erros enormes, porque são erros não contrastados a tempo, não prevenidos a tempo, mas são de contrapesos de forças, de opinião e forças de poder presentes nas sociedades democráticas e ausente nas sociedades de mando único.

Por tanto, quando a sociedade de mando único vai para o lado errado, ela erra muito, não se inclina para um lado ou outro. Ela quebra, dando-se o fim dessa sociedade autoritária.

No entanto, em sociedades que fazem a mímica do regime democrático, mas é um regime mais de fachada do que realmente respeito à opinião das comunidades locais, onde o Brasil está perigosamente inserido nessa coluna do meio tendente ao autoritarismo de verdade e democracia de fachada, temos diante de nós uma grande revolução a se fazer.

Não é conservar esse autoritarismo intrinco a sociedade, uma sociedade que partiu do colonialismo altamente desigual, que ainda mantêm um nível de desigualdade extraordinariamente e repulsivamente elevado, separando as extrações mais ricas da sociedade, não só em termos econômicos, principalmente aqueles poucos que detém praticamente o monopólio das oportunidades, fazendo com que a chamada democratização de oportunidades para o exercício correto na meritocracia não aconteça.

Por tanto, temos que fazer uma revolução, e a agremiação partidária que abriga a fundação Índigo esteja sensível aquilo que ela tem no nome do partido, sendo a vocação de ser sensível ao social, tanto quanto sensível ao liberal.

Porque no Brasil é preciso fazer essa conjugação, não de forma populista, mas de forma inteligente e isso significa dizer uma revolução na distribuição da riqueza nacional, de forma que não tiremos de quem já tem, para de uma forma socialista empobrecer quem já tem para dar um cobertor curto para quem tem menos, ou tem muito pouco além de nada.

É preciso ser feito é, como diz o ditado fazer é “crescer o bolo ao mesmo tempo que se distribui”, ou seja, gerar valor, criar valor.

6 — O FRACASSO DA ECONOMIA PLANIFICADA DA UNIÃO SOVIÉTICA.

Na época da chamada “cortina de ferro”, formado por países comunistas da Europa, havia uma política de reciprocidade entre essas nações comunistas? Em que medida a antiga união soviética era importante para a existência das outras repúblicas socialistas que caíram com o socialismo russo? Porque fracassar uma chamada economia planificada e o modelo de uma economia gerida essencialmente pelo estado?

Para responder a este questionamento é preciso se lembrar que a união soviética como arranjo político, acabou reproduzindo em seu autoritarismo a própria **aristocracia czarista** combatida em 1917 quando ela surge.



Por tanto, a união soviética e principalmente a Rússia, faz naufragar este regime autoritário pelos mesmos problemas vividos pelo czarismo, agravados, pois ‘czar’ tinha o respeito a propriedade privada e detinha saldos na economia agrícola que faltou na economia altamente planificada, pois o planejamento não existiu.

O planejamento é uma prática absolutamente mandatária para o governo, porque eles constituem uma interferência na vida social, e precisam

se impor assim que assumem o poder, precisam mostrar o planejamento da sua administração e atuar para que possam ao fim de cada ano ser avaliados e realizar a prestação de contas. O que não acontece hoje, por exemplo, no Brasil, e o Brasil não se considera uma sociedade totalitária.

Portanto, o que aconteceu nas chamadas repúblicas socialistas, de que fazia parte um grupo de países chamado União Soviética, eles fugiram daquele regime, essas repúblicas satélites elas não caíram, elas não naufragaram, **elas se liberaram.**

E hoje constituem em repúblicas com graus diversos de práticas democráticas, mas de modo geral, muito mais dinâmicas já indo para um nível de tecnificação da sociedade e de superação do atraso relativo destas sociedades, trazendo mais prosperidade para os seus cidadãos.

É esse o exemplo que tampouco praticamos aqui, nós temos a sociedade arcaica dominada por grupos que se auto privilegiam se dão subvenções, privilégios, subsídios de toda a forma de exceções aos altíssimos custos tributários que se pratica em cima da maioria e isso tudo com anuência congresso nacional.

7 — A CRÍTICA AO CAPITALISMO

Os comunistas afirmam que o desemprego e as diferenças entre mais pobres e mais ricos está entre os flagelos de uma sociedade capitalista, visto que, estes ideólogos defendem uma sociedade sem concentração de renda, sem classes e igualitária.

A China, se encaixa nesse cenário, por ser a última grande nação comunista. Nesse paradigma a meritocracia está contemplada neste modelo.



A crítica ao capitalismo é totalmente **improcedente**, ditas infundadas coisas a respeito das sociedades mais bem sucedidas, porque são organizadas em respeito a livre iniciativa e a opinião livre dos cidadãos, assim como acontece tanto nos Estados Unidos, quanto no Canadá, na Europa, no Japão e em dezenas e dezenas de sociedades democraticamente organizadas.

Portanto, é clara a vantagem dessa organização em torno da liberdade

que se acostuma chamar **pensamento liberal**. Porém, existe sim uma diferença clássica entre o pensamento autoritário, que chamamos comunista, mas ele tem várias graduações de socialismo como imposição de uma estrutura que busca ser igualitária, mas que acaba sendo a mais discriminadora entre os mandantes e os mandados. Onde aqueles que dão as ordens vão para suas casas, para suas vilas, enquanto os outros pagam a conta, e já as sociedades democráticas, por exemplo, o primeiro-ministro toma o metrô para ir para casa.

O Brasil fica no meio em relação a esses dois extremos muitas vezes pendendo para um autoritarismo disfarçado de capitalismo, de um socialismo, bem canalha e cretino, que beneficia grupos associados à política. Quando realidade o que nós queríamos era liberar a sociedade brasileira para ela atingir a sua verdadeira prosperidade, e essa se atinge através da coragem de abrimos a oportunidade realmente para todos. Mas isso acontece só quando nós começamos fazendo, não falando.

Dessa forma, o liberalismo não é nada apesar de estarmos falando. Nós temos que começar a fazer, a sonhar menos e a realizar muito mais, e isto é possível.

Fica este desafio que é de reflexão: É importante tentar, é importante tentar e inclusive errar, e uma das vantagens nas sociedades democráticas é a possibilidade quase sagrada desse direito que nós temos de tentar de novo. E esse tentar de novo é próprio de toda a estrutura empresarial competitiva

que ainda precisa ser montada num país muito mais educado, muito mais treinado, muito mais respeitoso.

Do lema de não deixar ninguém para trás, portanto, ser um país sensível a não deixar que seja com uma bandeira de comunistas ou socialistas que nós tenhamos uma sociedade com renda menos concentrada, pois a concentração de renda no Brasil, vamos dizer alto e claro é uma vergonha, mas não é uma vergonha do capitalismo e não é uma vergonha provocada pela livre iniciativa, mais sim, porque governos, e grupos que se dizem governantes, desgovernam o potencial brasileiro.

Por isso a concentração de renda e riqueza no Brasil tem se perpetuado por excesso de esperteza, de corrupção de malandragem, de querer tudo para o grupo dos seus, para o grupo dos seus apadrinhados, dos seus protegidos, e nada ou quase nada, a não ser migalhas, de transferências de auxílios e de vários mecanismos que antes apodrecem, fazem a apodrecer aquela chama de empreender que deve estar em cada brasileiro, mas inclusive aqui temos um ópio que é o excesso de auxílios dados por políticos que querem de certa forma anestesiar as vontades dos brasileiros dando-lhes o comodismo de uma migalha assistencial, quando deveriam estar pensando num único caminho, o do **emprego**, do emprego produtivo, o emprego para todos onde começam e nascem todas as liberdades.

8 — CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Desconfiem também do que eu falei, é importante o pensamento crítico inclusive se houve alguma inclinação a concordar com o que eu disse. Alto lá! Vamos refletir primeiro! Vamos debater mais! Vamos pensar! Vamos nos liberar daqueles que nos dizem de primeira mão que assim deve ser desse jeito! Assim, deve ser de outro jeito, onde os verdadeiros liberais são aqueles que não só partem por desconfiar de si mesmos e das suas próprias convicções, mas estão sempre fazendo boas perguntas, pois boas perguntas ensejam o avanço do conhecimento humano que não tem fronteiras e jamais terá, porque nós precisamos continuar avançando no verdadeiro conhecimento, e esse verdadeiro conhecimento não tem definição prévia, ele é construído com a dúvida e nova pergunta o tempo todo”. (**Paulo Rabello**)

9 — REVISÃO DO CONTEÚDO

Os principais tópicos abordados nesta aula, pautam-se nos divisores de águas que separam o insucesso das experiências comunistas dos bem sucedidos projetos de democracias liberais.

Vamos relembrar o que aprendemos sobre os padrões de comportamento de cada um dos modelos de sociedades, inclusive suas respectivas restrições, sem esquecer é claro do ordenamento que orienta o perfil do trabalho da atividade econômica e da própria interação social.

Vamos elencar o que destacamos nessa jornada introdutória quando passamos a entender como e, porque a democracia liberal triunfou enquanto os regimes totalitaristas derivados do marxismo puro conheceram um declínio e o conseqüente desaparecimento.

Numa visão isenta e sem omissões o professor Rabelo abre esta aula reconhecendo que o instituto do acesso à informação é um desafio comum aos dois modelos antagônicos. Se por um lado deliberadamente o totalitarismo dos modelos marxistas foram estabelecidos numa política de alienação pela via da restrição ao acesso à informação, as democracias liberais inadvertidamente não cumpriram o propósito de garantir uma sociedade esclarecida pelo pleno acesso à verdade.

Aprendemos que enquanto as ditaduras marxistas deixaram sociedades inteiras na ignorância praticando a opressão que negava o acesso à informação e os princípios da transparência, o mundo liberal passou a viver a dificuldade de ser surpreendido pelas chamadas *fake news* que apoiadas no inalienável princípio da liberdade de expressão inviabiliza qualquer garantia

de livre acesso à informação de qualidade.

É importante lembrar que essa abertura alertou para o risco das ditaduras tributárias no mundo livre além de lançar um olhar diferente para situações de erro único pela falta da diversidade democrática como resultado do comando único nas sociedades totalitárias.

Foi demonstrado com clareza que a alternância do poder, **marca indelével das democracias**, foi elemento fundamental para o êxito das democracias liberais, onde ficou claro que a prosperidade resulta da combinação de fatores relacionados alternância de poder para a viabilidade de ensinamentos de Adam Smith numa sociedade capitalista bem sucedida.

Nesta aula passamos a entender a inspiração do controle social dos regimes socialistas que, trazendo a marca do totalitarismo patrocinaram formas de governo que restringem padrões de comportamento.

Foi ressaltado a devastadora repercussão econômica deste modelo abordando estratégias de repressão que vão desde as restrições de comportamento ao combate às práticas religiosas.

Abordou-se nesta aula a falta que um sistema de pesos e contrapesos tem para a sobrevivência do modelo totalitarista no passado recente.

Mais se viram também os benefícios como a livre iniciativa e à meritocracia teriam faro com o fim dos regimes totalitários do leste europeu no século vinte.

Aprendemos sobre uma ameaça para democracia real em países como Brasil.

Abordaram-se as contribuições do legado dos 'czares' para a queda dos regimes comunistas do leste europeu no século vinte.

As chamadas ditaduras do proletariado repetiram a natureza despótica das monarquias absolutistas, deturpando o ideal republicano para abrir campo ao florescimento do autoritarismo de Estado que caracterizou o regime socialistas ao redor do mundo.

Foi estudado também a lógica das abordagens contrárias aos princípios liberais apontando as razões objetivas que levam economias arbitrárias a insolvência agonizante.

Por fim, apresentou-se um panorama de fatores relevantes para delimitar a fronteira que separa comunistas e liberais ao redor do mundo.

Assim finalizamos esta aula, da primeira temporada do curso de formação política liberta em seu módulo de introdução oferecida pelo Instituto Índigo do Partido Social Liberal.

CADERNO DE EXERCÍCIOS

1. Duas ideologias são marcantes a partir do século XX O capitalismo e o socialismo. No primeiro trecho do vídeo e da apostila é possível identificar uma dessas ideologias que não são adeptas a um padrão de vida democrático. Descreva esta ideologia e cite países que se destacam por segui-la.
2. O Brasil já viveu momentos de proibições na década de 1960. Descreva estas proibições e a que estavam ligadas.
3. No que se refere a consumo, quais são as principais diferenças entre países capitalistas e socialistas?
4. Descreva de que forma a falta de informações e de debates afetam os países de orientação comunista.
5. Descreva de que forma a falta de informações e de debates afetam os países de orientação capitalista.
6. Peter Drucker afirmava que precisamos de uma sociedade que transforme informação em conhecimento. De que forma a falta destas informações afetam a sociedade?
7. Segundo professor Paulo Rabello: "as democracias são um estágio superior da organização social e começa em geral ou sociedades mais autoritárias. As democracias baseadas na iniciativa humana que

costumamos chamar capitalismo, eles são um produto de um quase milagre do arranjo político”. Explique este "**milagre**".

8. De que forma a Revolução Francesa e a Revolução Industrial reorganizaram a base da sociedade?
9. Defina a visão de Adam Smith para economia.
10. Como Adam Smith define uma **nação**?
11. É possível afirmar que na época da chamada “cortina de ferro” formado por países comunistas da Europa, havia uma política de reciprocidade entre essas nações comunistas?
12. Em que medida a antiga união soviética era importante para a existência das outras repúblicas socialistas que caíram com o socialismo russo?
13. Porque fracassou uma chamada economia planificada e o modelo de uma economia gerida essencialmente pelo estado?
14. Segundo o Professor Rabello qual é o atual “ópio” usado pelos governantes para entorpecer a sociedade brasileira?
15. Que influência o trabalho terá para sociedade que se liberta dos benefícios governamentais?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHONE, W. A. Peter Drucker: Melhores práticas. Como aplicar os métodos de gestão do maior consultor de todos os tempos para alavancar os resultados do seu negócio? 1. Ed. Autêntica Business, 2017. Tradução de Afonso Celso da Cunha Serra

DRUCKER, Peter F. Inovação e Espírito Empreendedor (Entrepreneurship): prática e Princípios. Ed. Pioneira; 6 edição. São Paulo, 1996.

ILZETZKI, E.; REINHART, C. M., & ROGOFF, K. S. "Exchange Rate Arrangements Entering the 21st Century: Which Anchor Will Hold?", Base de Dados de Classificação de Regimes Cambiais. Disponível em: <http://personal.lse.ac.uk/ilzetzki/IRRBack.htm>. Acesso em 1 de dezembro de 2013, 2021.

KAMIN, S. B., & DEMARCO, L. P. "How Did a Domestic Housing Slump Turn into a Global Financial Crisis?" Board of Governors of the Federal Reserve System, International Finance Discussion Papers. Janeiro, 2010.

LANE, P. R., & MILESI-FERRETI, G. M. "The Cross-Country Incidence of the Global Crisis". IMF Working Paper, WP/10/171. Julho, 2010.

MEDEIROS, C. A. O Ciclo Recente de Crescimento Chinês e seus Desafios. Observatório da Economia Global. Campinas, CECOM-IE — Unicamp, n.º 3, 2010. Disponível em: <http://www.iececon.net/>.